

O azar do electricista

LEOPOLDO D. AMARAL

EM 5 de janeiro de 1926, vespereiras do dia consagrado á adoração dos Reis, Magos ao Menino Jesus, chovia torrencialmente e a rua Borges Monteiro, no Engenho de Dentro, como sóe acontecer na época das aguas, se transformára num medonho lamaçal de ponta a ponta.

Annos atraz, os moradores dessa infeliz via publica haviam dirigido ao governador da cidade um longo memorial, pedindo, o calçamento, mas em vão. A rua continúa no mesmo lastimavel estado.

Ahi reside com sua familia, num pequeno predio de construcção moderna, o mecanico-electricista Terencio Veiga de Medina. E' dos mais antigos moradores da rua e foi quem mais se interessou pelo seu calçamento. Sua familia é composta de mulher, dona Martha, e dos filhos Judith, Cantidiana e Quintino.

Chovia torrencialmente e, a despeito disso, o mecanico Terencio, de frack, chapéo de côco, calças arregaçadas, e as botinas enfiadas num dedo, diz a sua mulher:

— Martha, os compadres Felix Corbiniano e Ruth Ruas festejam, hoje, suas bôdas de prata e eu vou janrar com elles.

— Só agora me oures isso? Por que não me preveniste pela manhã para eu ir tambem?

— Por causa da chuva. Ainda não me esqueci daquelle par de botinas de setim, novinho em folha, que se afundou na lama com um bom pedaço das tuas pernas, quando voltavamos do theatro.

— A culpa foi tua. Por que não me quizeste carregar?

— Não, minha mulher, não fui eu o culpado; sou um homem doente e os medicos me prohibiram que pegasse grandes pesos, e pezas mais de 80 kilos.

Fez-se uma pausa, após a qual o marido ajuntou:

— Si o tempo estivesse bom, com o maior prazer te levaria, e os nossos filhos, ás bôdas de prata dos compadres.

— Mas — pergunta dona Martha, cuidadosa — não é preciso guardar alguma coisa para ceares?

— Não; não é preciso.

— Pois vai e diverte-te. Se te lembrares, compra empadas na cidade para minha ceia e a dos pequenos.

E, affrontando o máo tempo, o electricista Terencio sahi de casa. Enfiou as botinas nos pés e enfiou as calças numa casa com-

mercial em rua adeante, já calçada, e tomou um expresso. Chegou á cidade ainda cêdo, mas, imaginando que voltaria tarde, depois já fechadas as confeitarias, comprou vinte empadas para sua mulher e filhos. E conduzindo a ceia da familia, foi ter á casa dos compadres, no Cattete, ás seis horas da tarde, para o jantar. Encontrou sua comadre dona Ruth, em pranto; o marido, senhor Corbiniano Ruas, estava gravemente enfermo.

— Compadre — tala a desolada esposa, com voz lastimosa, recebendo das mãos do mecanico o chapéo, o guarda-chuva e o embrulho das empadas — entre para o quarto para vêr meu marido, que vou lá dentro preparar uma cataplasma e não me demoro.

Passado algum tempo, vai dona

Ruth ao quarto do enfermo e, dirigindo-se á visita, diz:

— Compadre, teve uma lembrança muito feliz trazendo-me empadas. Estamos sem cozinheira e eu não havia preparado o jantar por causa da doença do Corbiniano. Comi-as todas: estavam muito gostosas.

— Fez muito bem. comadre; lamento serem tão poucas — retruca, ironico, o electricista, sustendo a custo a sua raiva e o seu grande desapontamento.

Fez-se uma pausa.

A applicação da cataplasma alliviou as dôres do enfermo, que caiu numa modorra.

O electricista, reatando a conversação, interrompida por momentos aborda o assumpto que mais o preocupava na occasião:

— Comadre, hoje não fizeram nada por causa da molestia do Felix, mas — insinúa em tom amistoso — quando o compadre licar bom, de certo vão festejar as bôdas de prata.

— Não, senhor, já festejamos, foi no mez passado que, completa-

mos 25 annos de casados.

Retirou-se o mecanico Terencio, morto de fome, e ainda debaixo de chuva, dizendo de si para consigo: «Mulher comilona! Sozinha devorou toda a ceia de minha familia. Parece que o desgosto lhe abriu o appetite. Felizmente, o marido é rico e pôde gastar muito com o seu sustento...»

Entra numa confeitaria, mas não se serve de cousa alguma.

Compra empadas e camarões recheiados para ceiar em casa.

Por felicidade, ao chegar ao Engenho de Dentro, de regresso das «bôdas», havia cessado completamente a chuva.

Na entrada da rua Borges Monteiro, quando se agachava para tirar o calçado e arregaçar as calças, afim de atravessar um Amazonas de lama, foi atropellado por um cão bravo. Corre, escorrega e cae a fio comprido na lama, voando longe o chapéo, o guarda-chuva e o embrulho que trazia; este se abriu numa grande poça d'agua, ficando inutilizados as empadas e os camarões recheiados.

Para maior caiporismo, o cão ferrou-lhe os dentes, com vontade, nas pernas.

Entrou em casa em lastimavel estado, ensanguentado, coberto de lama da cabeça aos pés. Com uma fome desesperadora, não encontrou nada para o seu jantar...

OLINDA

Commemorando a grande data da proclamação da Republica, Olinda festejou o primeiro anniversario da administração do seu prefeito sr. Humberto Gondim com varias festas.

Em verdade o sr. Humberto Gondim bem merece estas homenagens dos seus menicipes porque no desempenho do cargo que lhe foi confiado muito tem feito pela bella e legendaria cidade. Olinda de hoje, não é mais a Olinda de tempos passados. Se outros prefeitos como o sr. José Candido Miranda trabalharam pelo seu desenvolvimento o sr. Humberto Gondim tem feito o que se podia esperar da sua acção intelligente e proficua. Por isto daqui não regatamos applausos ao côro das hamenagens que hoje serão prestadas á s. s.



A PILHERIA

Revista semanal

Propriedade da S. A. "A PILHERIA"

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Ramos Leal
Alfredo Porto da Silveira
Eugenio de M. P. Barreto

Assignaturas:

Brasil—1 anno	48\$000
6 mezes	25\$000
Exterior—1 anno	65\$000
6 mezes	45\$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas.

A "A Pilheria" circula aos sabbados

Poema da minha terra

Minha terra
nunca andou alinhada;
e vivia triste como quem tem um desgosto.

Tinha razão.
Muita razão.

Só tinha vesidos de maluta.
Não ia á cinemá
nem á foot-ball.

Muita gente dizia
que minha terra
era a mais feia do mundo.
— Não tinha jardins
— nem arborização
— nem calçamento
nem nada.

Francamente
eu ficava triste, muito triste
de vel-a assim tão á tóa.

Mas agora... hein Canhotinho!
Dr. Austriclinio deu tanta coisa p'ra você...

Nelson Alcantara



RE

S

Voltará depois de longa ausencia. Passara toda a mocidade no estrangeiro acostumando-se a uma nova vida, falando outra lhguá. Adquirira todos os costumes do paiz que lhe servira de patria.

Nada restava do joven que ha quinze annos partira com o coração amargurado, cheio de rancor por tudo e por todos.

Os cabellos negros e bem penteados tornaram-se-lhe esbranquiçados, não tendo o mesmo trato de ouir'ora. Cresceu-lhe um bigodezinho castanho, entremeiado de alguns fios de prata.

Seguiu por uma rua que não conhecia, vendo por toda a parte o florescimento do progresso.

Predios novos erguiam-se de um e outro lado, alguns bem altos. Hospedou-se num dos luxosos hotéis da cidade.

Sosinho, poz-se a meditar no passado.

Fazia já muito tempo e tudo lhe voltava á memoria como se não tivesse transcorrido tantos annos.

Laura, a sua esposa, que amara

com todo ardor de sua invertinde, fôra a causa do que acontecera.

Com a sua exigencia para ostentar luxo, para satisfazer a sua vaidade obrigara-o a roubar.

A principio resistiu, preso ás razões da consciencia. Mas a tentação daquella mulher continuou e e fê-lo desprezar tudo e satisfazer os seus caprichos....

O pae expulsou de casa e disse que desaparecesse para sempre. Não queria mais ouvir o seu nome; para elle estava morto: era um membro que havia cortado e lançado fóra.

Não tinha mãe com quem desabañar.

E voltou-se para a companheira, por quem se tinha sacrificado. Pelo menos teria uma pessoa que fosse sua amiga.

Mas ella não quiz nem que ella a tocasse.

— Retira-te daqui, és um ladão e causeme horror.

— Laura bradou do fundo do coração colérico.

— Vae-te, disse afastando-se delte, com repugnancia.

— E o nosso amor?

Uma gargalhada ecoou na sala. — Imbecil! exclamou, oliando-o zombeteiramente e batendo com o pé no chão, nunca te amei!

Naquella voz bem timbrada vibrava o odio e o desprezo.

Vencido pela dor cambaleou e cahiu prostrado em uma cadeira.

Sem nenhuma piedade ella se aproxima de sua pessoa e disse:

— Anda levanta-te e fuge enquanto é tempo, ou estora a cabeça com um tiro de revolver.

Repentinamente, ergeu-se e, tropego, correu para a porta, desaparecendo na escuridão da noite...

No outro dia encontraram o seu chapéo e o palitot em uma ponte. Num dos bolsos havia um bilhete em que declarava não querer mais viver.

Julgaram-no morto e o caso puo-co depois foi esquecido...

Carlos Vianna levantou a cabeça que conservava baixa. Deffrente de-lle havia um espelho. Contemplou-se algum tempo. Estava muito velho. Si a sua familia o visse não o reconheceria.

Elisa, a sua irmã da mesma idade que elle, teria casado?

PANTALEÃO

Pantaleão, berço meu, nega querida
De terra, meu primeiro e doce abrigo.
Tela real que eu contemplo, alma sentida,
Qual se admira o lavôr de um quadro antigo.

Ninho suave da infancia estremecida
Que se foi, mas... que sempre está commigo :
O escol das sensações da minha vida
Ficou-se no preterito contigo.

Solar dos meus avós. Doce Benares!
Terra Santa! Eleição dos meus amores.
Dos meus cultos o primus inter pares.

Tenho-te ausente—oh! terra dos meus Paes!
Mas guardo este amuleto às minhas dôres:
Quão mais distante é que te adoro mais.

Alcides de Siqueira

GRES



A PILHERIA

Revista mais antiga do Norte do Brasil

A correspondência, bem como a remessa de dinheiro (por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigido á

Pilheria, S. A.

Redacção e officinas proprias.

39—Rua Visconde do Rio Branco—39

Recife - Pernambuco

Autophone 2.5.1.5

Acceptam-se trabalhos avulsos de qualquer natureza

Como estaria seu pae? Viveria ainda? E Laura?

Esta fôra muito cruel para comigo.

Deixou o hotel e dirigiu-se para a rua em que morara outrora.

Ficava distante do centro da cidade a habitação em que nascera e o progresso não tinha ido até lá.

Por isso, tudo quasi no mesmo estado. Havia algumas pequenas modificações que o não impediram de reconhecer a rua que não via ha quinz annos.

A casa em que devia morar os seus conservava a mesma apparencia.

Bateu á porta.

O coração pulsou-lhe fortemente no peito.

Ouviu uns passos arrastados.

Depois uma senhora de certo edade abriu o postigo.

— Que deseja, Sr?

— Fredeirico Vianna mora aqui?

Obteve resposta affirmativa. Então disse que deseja falar com elle.

A mulher o mandou entrar.

Foi conduzido a sala de visitas. Eram os mesmos moveis. Tudo ali recordava a sua meninice.

O seu coração se enterneceu.

Viui uma photographia sua de quando era creança. Em seguida, outra, quando maior, juntamente com Elisa...

Um homem velhinho, curvado ao peso dos annos entrou na sala.

Vianna levantou-se.

O ancião observou-o detidamente e mandou sentar-se.

Carlos notou que uma ruga profunda vincava a fronte do pae.

Tentou adivinhar o que ella significava mas não poude ver nada no rosto impenetravel daquele homem.

— Que deseja de mim, cavalheiro?

— perguntou o velho seccamente.

— Sou amigo do seu filho... disse com voz sumida, procurando occultar a commoção que o dominava.

— Não tenho filho; o que tinha morreu.

E nas suas faces não appareceu nenhum signal de sentimento.

Carlos sofreu immenso em não ter causado nenhuma impressão em seu pae quando fallara em sua pessoa. Os mortos se sentissem seriam mais felizes do que elle. Porque morrendo para a vida vivi-

am na memoria dos que os amavam...

Uma vozinha musical soou-lhe agradavelmente aos ouvidos, despertando-o daquelles acres pensamentos.

Viui entrar na sala uma linda menina de quatorze annos, que se dirigiu para o seu lado, estirando-lhe uma alva e rosea mãozinha.

Apertou-a delicadamente.

Ella dirigiu-se para o ancião, dizendo:

— Vovó, eu queria ir hoje de tarde para a casa de Carlota.

— Não, minha, filha, você esteve lá hontem.

Carlos sentiu que o seu peito se eletrisava. O seu pae tinha uma neta. Seria filha de Luiza? Então ella tinha casado.

Naquelle instante era feliz só em imaginar ser tio daquella creança.

Esta, no entanto, contin uava a pedir ao avô para ir á casa da amiguinha.

— Não tens com quem ir, Lucy.

— Vou com tia Luiza.

Aquelle mocinha era sobrinha de sua irmã? Esta era apenas sua

O BEMFEITOR

ERA de noite e Elle estava só. E viu de longe as muralhas de uma vasta cidade, e se aproximou d'ella.

E quando estava bem perto, ouviu o ruído do prazer, o riso da alegria e o som penetrante de numerosos alaúdes. E bateu á grande porta, e um dos guardiães lh'a abriu.

E Elle contemplou uma casa construída com mármore, e que tinha bellas columnatas de igual materia em sua fachada. E as columnatas estavam cobertas de grinaldas e dentro e fóra havia tochas de cedro.

E Elle penetrou na casa. E quando tinha atravessado o vestibulo de calcedonia, e o de jaspe, e chegou á grande sala do festim, viu, deitado em um leito de purpura, um homem com os cabellos coroados de rosas vermelhas e com os labios tintos de vinho.

E aproximou-se d'elle, e tocou-lhe no hombro, e lhe disse :

— Por que levas esta vida?
E o joven, voltando-se e reconhecendo-o, respondeu :

— Eu era leproso e tu me curaste. Como ia levar eu outra vida?

E um pouco mais longe viu uma mulher com a cara pintada e o traje de côres espalhafatosas, e cujos pés estavam calçados de perolas. E atraz della caminhava um homem com o passo lento de um caçador e levando um manto de duas côres. E a face da mulher era bella como a de um idolo, e os olhos do joven scintillavam carregados de desejo.

E Elle seguiu-o rapidamente, e, tocando-lhe em uma das mãos, lhe disse :

— Por que segues essa mulher e a olhas dessa maneira?

E o joven, voltando-se e reconhecendo-o, respondeu :

— Eu era cego e tu me devolveste a vista. Como ia eu olhala de outra maneira?

E Elle correu para a frente, e,

tocando no vestido de côres ber-rantes da mulher, lhe disse :

— Esse caminho que segues é o caminho do peccado. Por que o segues?

E a mulher, voltando-se e reconhecendo-o, respondeu, rindo :

— Perdoaste-me todos os meus peccados e este caminho que sigo é o mais agradável.

Então Elle sentiu seu coração cheio de tristeza e abandonou a cidade.

E quando sahia da cidade, viu, por fim, sentado á beira de uma fossa, um joven que chorava.

E aproximou-se d'elle, e, tocando-lhe o cabello lhe disse :

— Por que choras?

E o joven ergueu os olhos para olhal-o, e, reconhecendo-o, respondeu :

— Eu estava morto e tu me resuscitaste. Que poderia eu fazer si não chorar?

Oscar Wilde



O poema da minha infelicidade

(Para Você Craya)

... e eu era feliz, muito feliz !...

Quiz o destino talvez por ironia

A minha felicidade

Supplantar um dia.

Eu era moço...

... e do verdor de minha mocidade

Não tinha sentido ainda o peso da infelicidade

Tudo na vida para mim sorria,

Tudo era encanto, tudo era alegria.

O amor? Não o conhecia;

Nunca senti a saudade,

E na verdade,

A tristeza em meu semblante não se ve via.

E eu era feliz, como os passarinhos

Quando se põe o sol e voltam para os ninhos

Mas... n'uma noite triste,

Silenciosa,

Lembro-me tão bem como se fosse agora,

Daquella noite triste,

Sombria e Erma

Que a minha felicidade fugindo...

... fugindo foi-se embora...

Ah! que destino tragico e desgraçado,

Tyranno e acovardado,

Que em troca de minha felicidade

Deixou para minh'alma dolorida,

De saudade amortecida,

Um hypocrita sorriso rosicléo

De uns labios de mulher,

Que infeliz me fez

Pela primeira vez

Na vida!

... e eu era feliz, muito feliz !...

Mas o destino talvez por ironia

A minha felicidade supplantou um dia

Milton da Veiga Pessoa

Recife, 21-11-29.

CARTA PRA ROÇA



Meu cumpade Zacaria
 Cuma vai tua famia ?
 I u resto du pessoa
 Só u'a côsa faz pêna
 È qui a cumade Ogêna
 Pra i num qué mais vortá

Agora cumpade vò dá
 Nutiças da Capitã
 Nutiças cá du Rucife.
 As inleção vem ai
 I eu já me preveni
 Pruque ja cumprei um rifle.

Eu acho qui vò votá
 No partido Liberá
 Nu Prísidente Gerúio,
 Qui é pra mode u Pais
 Tê u'a vida felis
 Di factura e orguio.

Agora é a istação
 Di si passá o verão
 Im Ulinda, a bêra má.
 Mas, cumpade, isso é luxo
 I quem aguenta o ripuxo,
 È que vai veraneá

Agenti cum alegria
 Passa na praia u dia
 Sem pensá em dura vida
 Cumpade, a tarde é qui é.
 Nas praia é tanta muié,
 Quasi sem rôpa, dispida...

Ogêna foi veno aquilo
 Deu um pulo feito grilo
 Deu um grito e me dixê:
 Meu marido Sebastião
 Num si vê lá nu sertão
 Tamanha semvergonhice.

Ove regata astrúdia
 •Aqui dentro da baia
 Du rio da Capitã.
 Mas cumpade, foi bestêra,
 Pruque ôve intê ladruêra
 Nu pario interestadua.

Cumpade vò termina
 Lembrança a quem pergunta
 I diga que vou indo são.
 Dê lembrança a cumade,
 Um abraço du cumpade,
 I amigu

SEBASTÃO
 (SEAROM)

ESPERANÇA

Eu julguei
Que era mais facil arrancar de dentro dalma
O amor que já passou.
Pensei que era facil esquecer
E que era possivel te ver
sem me lembrar, jamais, de que te amei
sem me lembrar, jamais, do que sonhei...

Mas não. Hei de trazer por muito tempo, a magua
que a gente guarda quando nos morre uma illusão.
Hei de raler, linha por linha, o que escreveste.
Hei de lembrar a cada instante a tua voz
que me veio encantar o coração

Fujo do teu olhar. Fujo da tua voz.
O meu olhar vive tão cheio do teu!
E a tua voz de sereia, tentadora
Da-me saudades. E, quando a sós,
(Vendo-me triste, perdida,)
has de pensar a sorrir: «Ella não esqueceu»

Um dia tirarei da tua lembrança
triste e sentida que me faz penar
E outra esperança
ha de brotar,
ha de viver...
E então, verás
que meu olhar te fitará sereno,
indiferente, altivo. E ficarás
a pensar, a pensar
e talvez a desejar
que eu me recorde ainda,
do meu amor que já passou...



Sta. ALAYDE ESPINOLA, professora
da 4.a cadeira municipal de Jaboaão,
filha do sr. Torquato Espinola e
sua digna consorte d. Maria Emilia
Espinola, que teve seu anniversario
natalicio a 9 do corrente

DORINHA

A Casa Deserta

Quando o caminho desce e se
encurva depois do cannavi l
de S. Roque, o passante se encon-
tra num terreno de matos baavios,
baixos, guaxumosos. Logo se lhe
apresenta a brancura de necropole
de uma grande e velha casa.

E' a «casa abandonada».

Um pouco de hervas subiuh-
pe los muros, foi ao telhado verdo-
so de limos e lichens e desce ago-
ao longo dos desenhos ennegreci-
dos nas gotteiras das telhas que-
bradas.

O silencio da casa é a tristeza
das vidas extinctas.

O portão ao lado desfeito, desar-
ranjado pelas chuvas que esfarel-
aram as madeiras e oxydaram os
ferros, dá a impressão de cinco
cruzes sepulchraes que se junta-
ram para não obstar a profanação
daquelle santuario de saudade.

Na frente, a casa tem cinco lar-
gas janellas, todas forradas de vidros

miudos já partidos quasi que na
totalidade. Cinco degrãos de pedra
gasta dão accesso a porta central,
lutuosa, escura como os crepuscu-
los de chuva.

Nos dias lindos, quando, o sol é
um guizo de oiro luminoso e o
azul dos céos descança nos arvo-
redos e nos campos silentes, — a
passarada canta junto da casa de-
serta. Canta! As arvores copadas,
amigas dos ninhos e dos amores,
estendem os braços por sobre a
orla das telhas partidas, roçam o
esburacado das paredes, como a
acariciar consoladoramente a ruina
daquelle recanto!

Os dias succedem-se luminarios
ou grisados na monotonia das chu-
vas. As tardes desdobram-se para
além do esfumado das serranias
longes, muito além dos sons sus-
surrantes dos sinos.

Ave Maria! A reza doa campa-
narios attrahe as estrellas que es-
condem o infinito da luz viajora no
mysterio milludível do universo!

Vêm as noites. Calmas, cheiran-

do a luar, embriagadoras, espeta-
das dos alinetes brilhantes dos as-
tros e dos vagalumes. Vãam as ou-
tras, sinistras, escuras, de pipillos,
de chiados nas macegas, prenun-
ciadores de avejões agourentos, de
lemures lendarios...

E a casa deserta, esburacada de
trevas, esqueleticamente branca ao
lunar ou ao relampago — lá está can-
tando na paizagem a odyssea das
propias dores, rememorando as
vidas e os amores de uma geração
inteira que lhe foi o coração pul-
sante!

E ella é a crystallização da pro-
pria nostalgia de um passado fel-
iz enfeitado de alegrias e garga-
lhares...

O vento accorda gemidos nas
frestas frias das portas. Uns gemi-
dos de dôr; uns soluços entrecor-
tados e a casa deserta, impregnada
de recordações, parece sentir as
sombrias geladas deslizando fugaces,
gementes, nas salas vastas, como
o sopr das noitadas tristes!...

HERNANI DE IRAJÁ

APULMERA

ANNO X

LETRAS - ARTES - MUNDANISMO

RECIFE-PERNAMBUCO

NUMERO 421

DE 16 NOVEMBRO DE 1929

DIRECÇÃO DE: PORTO DA SILVEIRA E FERREYRA DOS SANTOS

ESTHESIA

DO GIL CAMPOS

Membros lassos
cansados
por um trabalho que não foi
realizado...
palpebras pesadas
plumbeas
arrastadas
sobre olhares que não veem...
mapples
penumbras
bocejos
vantade de não ter vontade
fumada em cigarrilhas turcos
made in en gland...
mulheres estylisadas
sob a forma de caricias
narcotisadoras...
um veolinista surdo,
obrigando um Stradivarius
a cantar para sublimação
de harmonias cerebraes...
e nos quatro cantos do aposento
quatro piras abertas como labios
queimando
os ultimos perfumes de Gabilla...

Coelho de Almeida

U M S Y M B O L O

ESTUDO

A morte tem facetas interessantes. Metamorphosear conceitos que a vida applaudeu em os diasirmos da sua estadeante personalidade. Ha sempre um adjectivo sensacional, cheio de amavios, atoleimado em contradicções para todos aquelles que alcançam os espaços indefinidos. Principalmente no Brasil, terra prodigiosa dos elogios mais desconcertantes. Um individuo, em vida, si é eminente, austero, insigne, por uma simples discordancia política e social, torna-se analphabeto, indesejavel ou ladrão.

É incrível os commentarios da arte cypriza de viver. O' os adjectivos intimes dos jornalistas rancorosos! O' o malabarismo de expressões do povo caricatural! O mesmo individuo morre e lá vêm o necrologio tarjado em vinhetas sacerdotaes, capaz de molhar em lagrimas os olhos da gente. Ah! se os mortos tivessem uma oportunidade de Lazaro! Que surpresa não teriam, vindo os dythrambos enormes que seus olhos adormecidos tiveram, os mesmos olhos que tantas vezes chisparam revoltas ante a maldade de qualificativos impiedosos e attributos alarmantes de surpreendente ignominia. Ha um anno, a morte numa syncope infernal de volupia ceitou a vida illuminada de Anísio Galvão. Roubou sem constrangimentos o maior jornalista de Pernambuco. Um magnifico escriptor. Um formidavel parlamentar. Um poeta sobrio, de versos fixados em cultura e observação.

São elogios posthumos? Todo pernambuco conheceu Anísio. Sabem-no as intelligencias mais requintadas desta terra como um espirito notavel, de meritos authenticos e legitima intellectualidade. Não foi um aventureiro, um nômade cabotino que viesse celebrar-se a custo de bujulatorios e insinuações vergonhosas. Veio do sertão, simples e discreto trazendo um cerebro educado nas luctas de imprensa e no estudo quotidiano dos livros preciosissimos de cultura. Nunca escreveu bobagens. Como tambem nunca fez sonetos. Assaltando com majestade de seu talento as muralhas apothéicas dos linotypos, sentou-se em uma

banca marchetada de tiras de papel, de onde logo irradiou os artigos de fundo, sueltos e commentarios mais precisos e brillantes. Foi um esgrimista da palavra.

Um estylista consciencioso, agil, erudito. Admirado, cortejado, triumphador nunca se aproveitou dos broqueis das circumstancias para arrostar vaidades e blazonar desmedido egoismo. Era um sobrio. Um illuminado.

Um dia, um olhar turvo da morte, espreitou-o enamoradamente. Vinha vindo Anísio de uma viagem maravilhosa ao velho continente. Do lindo passeio esthetico, tão bem nos revelado pela levesa das paginas de seda de "Vida que corre". O primeiro traço de uma enfermidade pertinaz insinuou-se-lhe no organismo. A carne soffreu. E a febre o emmagreceu. Comtude, ainda fitou a paisagem menina e moça da cidade invicta! Acenou um olhar de poeta as aguas mansas do Capibaribe. Andou perdido de deslumbramento pelo rythmo encantador da natureza em festa. E sonhando com as doçuras de um lar ainda adulescente, esperando a deusa Felicidade — mulher volúvel e caprichosa "que nunca" a gente vê — partiu, alma suspensa em um paraizo de illusões para o campo, um recanto florido e bucolico da sua linda Pesqueira, na doce miragem de uma esperança enganadora.

"Tu és minha... Terra!

Eu não sei si serei teu, minha-terra! E lá, os sulcos sonoros das constellações abriram-se em catadupas de luz para receber o presente regio do espirito superior de Anísio Galvão.

Muito embora a terra se enrolasse em crepe, derramando lagrimas copiosas de amor e saudade. Dorme, predestinado, teu somno de justo.

A innocencia da vida tiveste sempre no coração.

DE
ALTAMIRO
CUNHA

Fazenda São Francisco

Com a morte de Anizio Galvão as letras pernambucanas perderam um dos seus lindos expoentes. Commemorando-se hoje o primeiro anniversario do seu desaparecimento A PILHERIA que o teve sempre na conta de um dos seus melhores amigo e collaborador, insere o trabalho ao lado, da ultima producção da intelligencia illuminada do autor d' «A Vida que corre».

Um quasi circo de serras. Serras verdes, cerros azues, serras cinzentas. Lembra um valle da California ou um recanto dos vosges. A vivenda principal em fôrma de chalé, com uma porta e duas janellas.

Em frente, um armazem estreito, no qual mulhieres debulham milho e onde se ouve o rodar aspero da mó fazendo o xerem.

Sobre as cercas, enquanto através dos paus fuzilam os olhos dos porcos de raça que alongam o focinho ruivo de reis barbaros, melões de São Caetano abrem os fructos sangrentos, que os calangros e as lagartixas sugam, meneando a cabeça. Uma latada todo coberta de *riso do prado*, flammante nas suas flores de um roxo-claro.

Ao outro lado, o cural: a *Calçadinha*, a *Peito de Seda*, a *Tandê*... Saudade material no mugido das vaccas.

No pateo, bezerros anseiam pela hora de mamar. Mossambés, velames, matapastos. As flores dos mandacarús lindas com a madrugada, vão cerrando-se ao primeiro raio de sol. Sobre pedras, esperando que se abra a porta da casa grande, descançam os cachorros somnolentos. *Tubarão*, *Cambráia*. Gallinhas ciscam o chão; perús meditam na propria estupidez. Musica de passaros: canários, gallos de campina, papa-arozes, choirês, casacas de couros.

— Bom dia, *seu coronel* Ignacio.

É o rythmo da rôla no fundo da matta: "Fogo pagou! Fogo pagou!" Canna-fistulas, de copas amarellas. Um poldrinho, puro-sangue, orpham desde hontem, nitre affictivamente, vae para aqui e vae para ali, sem se acostumar com a ausencia dos peitos que o nutriam.

— Benedicto! Tirar leitedas vaccas!

Mais além, umbuzeiros, baraunas, aroeiras. O bananeiral, Momoeiros, cannas, jurubebas.

O estertor do cae-tetú na casa de farinha.

O vermelho de um gibão e umas crinas passando a porteira.

— Ecô! Ecô!

S E R M A' U

Que diabo!
Toda vida bom.
Bom desde que nasci...

Mas vejam só:
TODA VIDA BOM!...
Hom'essa!

Que coisa maluca!
Que coisa monotona!

Insuportavel mesmo...

Vamos, é preciso reagir!
Nunca ter saboreado o inedito gostinho
duma ruindade!...

Hom'essa!

Pois a coisa agora mudou.
Hoje quero ser máu!
Valá que seja um dia só.
Um dia só ao menos...

Sou hoje um homem máu, prompto!
Máu para todos os efeitos!...

— Nem uma esmola hoje, seu Griz, sabe?
Nem uma esmola!
Cara fechada,
Pouco riso
E palavras asperas!

Mas qual!
Quêde que acho geito...

A cousa vem do berço...

Pois tanto assim
Que quando a custo enfim me sinto um
typo máu

(Eu sou um caso perdido...),
Logo percebo que sou um máu de bocca...
Um máu que não mette medo.
Um máu que não sabe fazer mal a nin-
guem!...

J A Y M E G R I Z

SERENIDADE

Serenamente a tarde passa...

Sem o mais leve bater d'asas do sol—passaro de fogo—que erica a limpidez suave de tintas claras que esboçou o poente... A allegoria.

O vento assobiando. Um canto que se desloca atôa, e arripia o silencio...

O passaro dependurado nas arvores, com a alegria no bico de oiro, doirando tudo, bailando no orvalho como brilhantina n'agua...

... Na serena limpidez da tarde...

Na azulescencia desmaiada do céu...

Atordoada com o canto do passaro da alegria, uma mulher de olhos abertos, uns olhos loiros, esmaltados de brandura, embebe-se na profundeza do azul... Afunda toda a sua sensibilidade na paisagem esgarçada e transparente, prevê, tacteia, sente a magnificencia do ambiente...

Sorri...

Detem-se na emoção de um instante...

Mergulha os olhos, dvidos, na macilleza das folhas...

O sol—passaro de fogo—advinhou a escuridão deixou de cantar...

Fechou o bico' onde a alegria, era dona de seus trinos... Encolheu-se nas fiestas, cabisbaixo, adiante afundou no mar... As folhas batiam palmas as estrellas que chegavam...

Paysagem meio-sombra, meio-luz...

Recantos penumbrosos, onde o silencio cochila...

... A mulher cerrou as palpebras...

Sonhou com a alegria dependurada nas estrellas cadentes que a alumiam... Os olhos tactearam na treva a luz... E extatica enxergou uns claros de paisagem, onde claridade bapa agonizava...

Na meio-treva ella se deixou de olhos novamente abertos, a se afundarem no silencio e no perfume...

• *Serenamente a noite passava... Serenamente a noite corria doida de estrellas... SERENIDADE...*

I ————— D ————— A



Um five de damas que é ao mesmo tempo um five de ases...

DE OLINDA PARA VOCÊS...

Vanity fair

Domingo Melle, chegou para a futilidade a *la Canezou* da retreta com sua exactidão britânica.

Para mim ella é *the best star* desse *grand-guinol* encantador. Entretanto Melle, finge não gostar do Gib... Mas, Melle, é muito requestada. Seus olhos românticos como as sonatas de Debussy são o enlevo de muitos corações. O de Bento, por exemplo. Que acha Melle, parecida com essas *geishas* de porcellana *made in China*. Só o talhe, entende-se. Porque seu espirito wagneriano idealizou na carinha *mignon* de Melle, uma coisa musical e rythmica, assim como uma melodia de Bach... E expande-se em theorias Marde-Smilexianas sobre o character social, ou commenta a philosophia poetica, leve e portatil de Mantegazza sobre o amor.—Bento é um entusiasta da vida...

O Luiz é um perfeito *dandy*. Gosta das elegancia finas e das maneiras estudadas.

E gosta muito, tambem, de Melle. Seu passinho subtil e alado, sua desenvoltura de embaixatriz, trazem-lhe á memoria o perfil gracioso e esbelto duma figurinha dos *menuets* de Bizet. E Melle, sempre enygmatica, liga tanto ao Luiz quanto se importa com o Bento ou com o Humberto. Sim. O Humberto tambem. Esse é circumspecto e retrahido. "Abotoado de circumspecção até o pescoço", como diria o original creador de Braz Cubas. Contenta-se em vê-la e espera. o que?... Quem sabe lá o que os hindús "esperam"?!... Humberto crê como um musulmano na fatalidade. E nada mais... Ora! Se isso tiver de ser, não é Humberto?... Ninguem pôde impedir. Por emquanto vá "esperando o bonde"...

Melle, môra na Rua do Sol. Essa mesma que um Conselho mais modernista chamou Av. Hinton-Martins. Eu gosto muito da Rua do Sol... Não porque Melle, môra lá. Isso não. Eu adoro é a perspectiva azulada e parallela dos *rails*. Porque a Rua do Sol é recta como o character dum homem de bem...

Você, menina, disse que eu tinha ideias fúteis e banaes. Mas, que quê? Olinda, no verão, é um palco de futilidades. Uma verdadeira piada de Bobéche. Vamos ao banho, por exemplo. Ha o banho das prescripções medicas. Um banho caceite, sem graça, cheio de baetas compridas e calções pelos joelhos.

Faz um trio siberiano e o mar parece um sanatorio. Os anemicos querem sangue nas faces. Os magros—banha. Os gordos—redução de pezo. Voltemos ás 9 horas. Vae começar o *grand-guinol*. E' o banho aristocratico. galante, alegre. Banal não é, concordo. Mas é futil. Adoravelmente futil. Os *maillots* felizes apparecem. E, dentro delles, as *banheuses* rizonhas e maravilhosas. — Vamos ao Pharok, sim? Olhe lá a Celina. E Wanda, e Angela, e Stella... Doirando-se todas ao sol camarada. Vê aqui ao lado esse magricellas alto, esguio e prismatico como o campanario de Giotto, olhando para cá?

Deve ser algum retardario do primeiro banho. E' portanto um banal. Banal como o Guaraná Fratelli numa farra de *l'haute vie*... Veja aquell'outro. Só uza camizas *Bradley* porque é a novidade mais em moda do commercialismo norte americano. Vem todo penteado como se fosse a um *dancing*.

Vocês, meninas, gostam desses typos. Mas, coitados, são tão banaes, tão bronzos!... Sabe? Linda um desses dias o F. veio me perguntar se de facto Jean Patou quer dizer Joanna Pato... E eu comi uma unha para não rir...

Olga é um *la Gandara* moreno de olhos grandes e transparentes como as *vitrines* da Sloper. Olga quer bem a Joaozinho e Joaozinho quer bem a Olga. Mas eu não posso deixar de bulir com ella.



Todos os annos ella vem ás praias doirar-se ao sol. Na retreta é "uma coisa doida",

O P... é estreito de espirito. Tem a cachola ôca como os hemisferios de Magdeburgo. Por isso não arranja nada. Desista, seu P... Ou então faça como eu.—Quer vêr? Lá vem ella...

—Bôa noite, Olga! Como é seu nome?...

"—Olga..."

—Bonito nome... Olga de que?

"—Damne-se, seu besta!

S-O-C-I-E-D-A-D-E



ANNIVERSARIOS

FIZERAM ANOS:

Teve no ultimo sabbado o decurso da sua data natalicia o illustre dr. Gouveia de Barros, director geral dos servicos de Hygiene deste Estado e nome de relevo na nossa classe medica. Pelo grato motivo o dr. Gouveia de Barros, recebeu innumerables homenagens de felicitações.

No dia 11 — a menina Henèe Porto, filha do sr. Leocadio Porto, preteito dr. Caruarú; o academico de medicina Luiz Valetica; d. Clotilde Lopes Vaz, viuva do commerciante Julio Vaz; o dr. Fernando Salazar, clinico nesta cidade, e a menina Yvette, filha do sr. Gerson Araujo; no dia 12 — o dr. João Carlos Ribeiro Roma, magistrado em Villabella; o dr. Jorge Lobo, inspector de Saude e Assistencia; a senhorinha Lucia Rodrigues de Souza, filha do sr. Elpidio Rodrigues de Souza; o dr. Levino Maucha; a senhorinha Izabel Rodrigues Leite, filha do sr. Izidoro Leite; a menina Edwiges, filha do sr. Nicomedes Hartmann, nosso confrade de imprensa, o pintor conterraneo Alvaro Amorim; o sr. Joaquim Carozo.

Transcorreu terça-feira a data natalicia da interessante Nilza, filhinha do illustre facultativo dr. Alvaro Ramos Leal, director-presidente d'«A Pihleria, S. A.». Pelo auspicioso acontecimento a galante aniversariante recebeu innumeros presentes.

Fez annos na quarta-feira o joven Luiz da Silveira Bacellar, applicado alumno do Gymnasio Per-

nambucano e filho do saudoso sr. Amphiloquio Bacellar.

O anniversariante recebeu muitas felicitações pela data do seu natalicio.

D. Thereza Campello, dilecta esposa do dr. José Campello, nosso illustre confrade de imprensa, redactor-chefe do «Diario da Tarde», fez annos na quarta-feira.

O sr. Eugenio Velloso da Silveira, membro de destaque do nosso alto commercio, teve o decurso da sua data natalicia na quarta-feira.

VIJARAM

Da Europa para o Recife: o sr. Edouard Harcot; o senador federal dr. Thomás Rodrigues; o sr. Frederico Goertz e o sr. Arthur Hartmann.

Passageiro do transatlantico *Antonio Delphino*, regressou no domingo da sua viagem de repouso ao Velho Mundo, o sr. commendador Manoel Ferreira Leite, capitalista e proprietario nesta cidade e uma das liguças mais respeitaveis da colonia lusitana aqui residente. Muito relacionado em o nosso meio social e commercial o commendador Ferreira Leite teve concorrido desembarque.

CASARAM-SE

Com a gentilissima senhorita Celeste Pinto Pessõa, dilecta filha do coronel Francisco Pinto Pessõa, do nosso alto commercio, consorciouse ante-hontem o illustre dr. Antonio Souza, engenheiro-chefe do Departamento de Luz de Pernambuco. Os nubentes que são figuras de realce em o nosso meio social seguirão para o Rio de Janeiro em viagem de nupcias.

Realizou-se nesta cidade no ultimo sabbado, o enlace matrimonial do estimavel sr. Nylo de Hollanda Cavalcanti, funcionario de cathedra da Great Western com a senhorita Adelaide Porto da Silveira, prendada filha do saudoso sr. major Justino Rodrigues da Silveira e da exma. sra. d. Adelaide Porto da Silveira e irmã do nosso collega Porto da Silveira. As ceremonias civil e religiosa tiveram logar respectivamente no cartorio de casamentos e na matriz da Soledade, officiando esta ultima o illustre padre Francisco Salles que teve palavras de carinho e estimulo para os nubentes.



FESTAS

O «Sport Club Flamengo», solenizando ante-hontem o dia dos seus socios solteiros realizou uma animada *soirée* dansante, em sua sede social para a qual teve a gentileza de nos enderessar um convite.

A *soirée* do «Flamengo» teve uma avultada e selecta assistencia.

ENFERMOS

Encontra-se enfermo, ha dias, o illustre sr. dr. Antonio Ignacio, director do expediente do Departamento de Saude e Assistencia e clinico nesta cidade.

FALLECERAM

Em sua residencia no Ponto de Parada 700, estrada de Beberibe, falleceu na terça-feira a exma. sra. d. Maria dos Passos Costa Rego, genitora dos srs. Antonio Costa Rego, genitora dos srs. Antonio Costa Rego Subrinho e Costa Rego Junior, do nosso alto commercio e da sra. d. Maria das Dores Costa Rego. O fallecimento da veneranda senhora foi geralmente sentido.

DIVERSAS

A «PINTO JUNIOR»

Esta em circulaçã, o numero d'A *Pinto Junior*, revista publicada pelo «Centro de Educaçã Ruy Barbosa», da Escola Normal Pinto Junior.

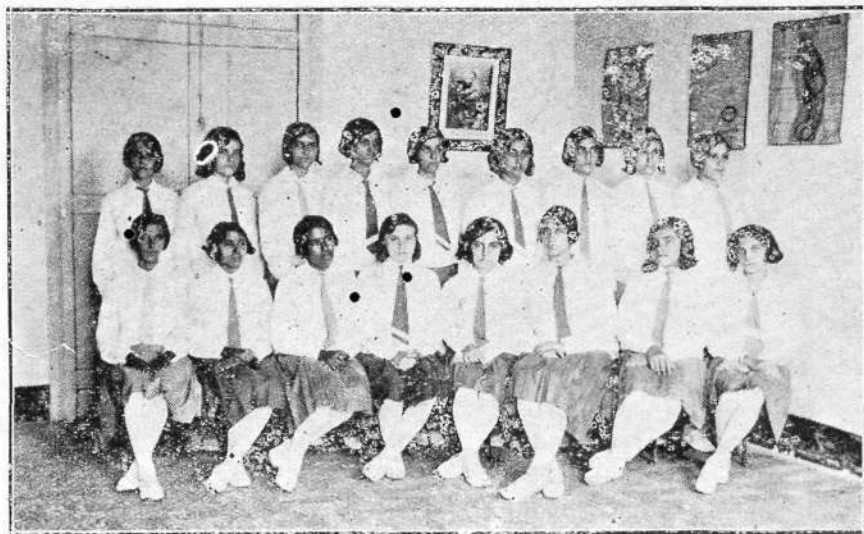
Este numero reúne escolhida collaboraçã de nomes em relevo no no nosso meio educacional de par com um abundante servico de gravuras.

A *Pinto Junior* que tem a sua direcçã confiada ao illustre educador pernambucano dr. Candido Duarte é uma publicaçã utilissima e que muito recommenda o nosso Estado. Foi editada A *Pinto Junior* pela officinas graphicas d'A *Pihleria S. A.*

A
ESCOLA NORMAL
"PINTO JUNIOR"
E' SEM FAVOR,



• É o grupo que se prepara para deixar a Escola. Realizou-se a Festa da Saudade, pela primeira vez.

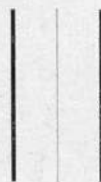


O 1º. anno profissional da Escola Normal Pinto Junior em 1929.

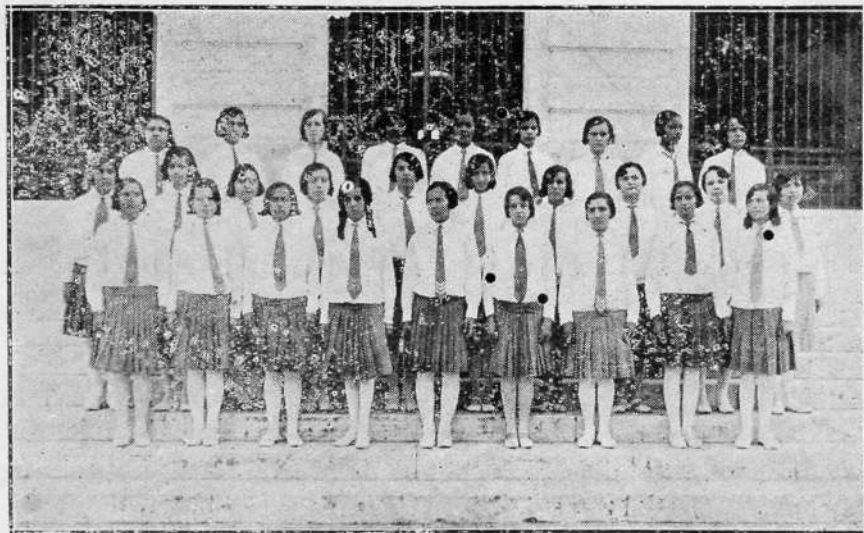
ALGUNS
FLAGRANTE
COLHIDOS
NO
CONHECIDO
EDUCANDAS



U M
ESTABELECIMENTO
DE ENSINO
QUE HONRA
PERNAMBUCO



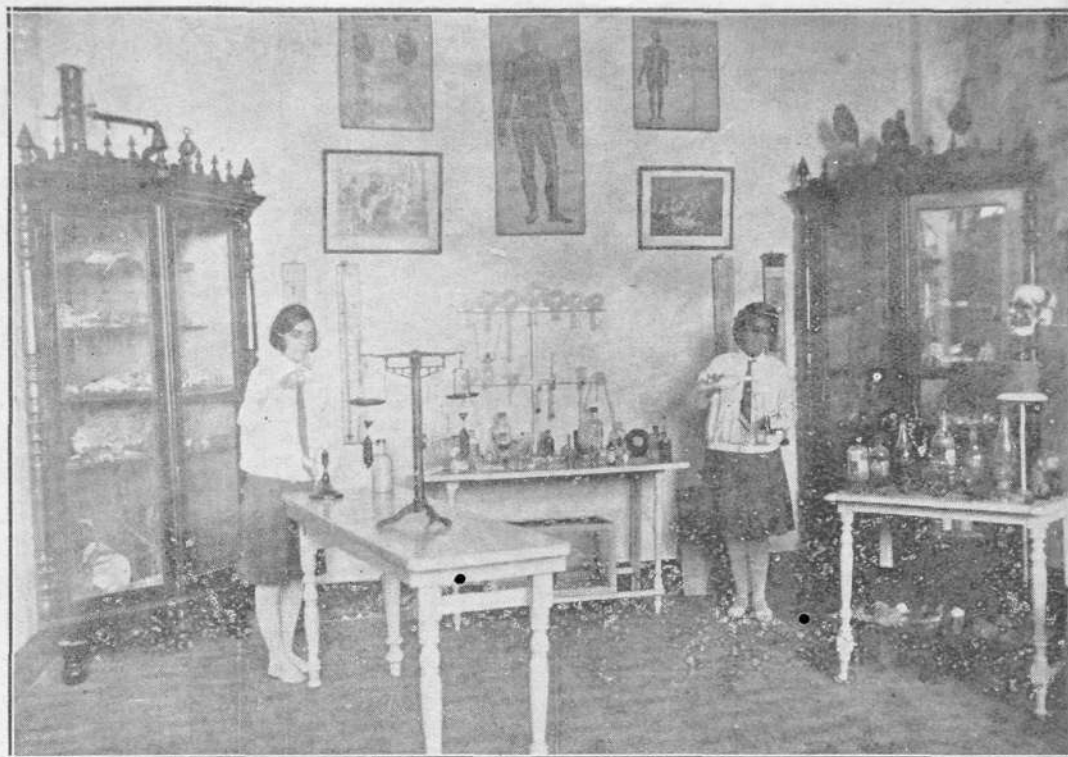
se ante-hontem, com o 1º. anno profissional e o 3º. geral, a vez realizada na "Pinto Junior".



Alumnas do 3º. anno geral da Escola Pinto Junior, no corrente anno.

TES

DO
DARIO



Photographia zpanhada na occasião em que as zeadoras da sala, alumnas do 1.º anno profissional preparavam o necessario para uma llição de chimica.

Perfume.

P'ra D. Cecilia Rios.

Naquele dia,
era de você o cheirinho bom
que o vento trazia

A minh'alma estontecida de perfume
ficou a desejar o que era muito impossivel.

E nesse enleio
eu gozava

a delicia do perfume
que o vento, sutil, roubava de você
e trazia para mim...

Mas nesse mesmo dia,
a REALIDADE, numa gargalhada forte,
zombou da minha ilusão.

NELSON ALCANTARA.

Canhotinho-Pernambuco.



A Academia Santa Gertrudes na Escola Pinto Junior, numa visita muito fraternal e muito amiga, vendo-se alumnas e algumas professoras do curso de Aplicação dessa ultima casa de ensino.

A MUSICA DOS SAPOS

No sitio toda noite era assim
A mesma quietude.

Hoje, a lua havia posto uma claridade
bonita
sobre a mataria

E os sapos pensaram:
Esse silencio, aqui, não conforta bem a
nossa vida.

Então
num gesto de progresso
fundaram
uma Banda Musical
que vibra, toda noite,
em accordes de melancolia.

OLIVIO DO VALLE.

Canhotinho - Pernambuco.



Titulandas da Academia Santa Gertrudes e da Escola Pinto Junior, depois dos cumprimentos da oradora do acreditado educandario de Olin-da, titulanda Clarice Godoy, ás suas colegas do tradicional instituto do Recife.

A PILHERIA

... Muito mimosa, pequenina, com passos incertos de quem começou mesmo há pouco tempo a andar, ella vai espalhando num canto alegre, muito claro, da sala, os brinquedos todos... Umás bonecas ficam de pé, em fileira... Outros, já vejo sem cerimonia, pelas cadeiras com frizos de ouro da (sala de visita) sentadas; porém duras, tesas como assombradas.

... Alli, foi uma dellas para o berço branco somnolenta, baixando em meio as palpebras de cêra terminando em fartas pestanas que parecem de verd'ade.

— Gosta d'esta?—Nenen quer perguntar, mostrando com a mãozinha leve uma esgalga boneca de pannô, olhos de missanga, bocca vermelha feita em linha de retroz. Ella continua o interrogatorio mudo:

— Talvez então essa loura?— E traz uma franhezinha de massa, de lindos olhos como duas flores azues—

— Quem sabe se...?—E me aponta um bébé de celluloido, risonho, já sem a pontinha do nariz.

— Então a japoneza? — E levanta a boneca das franjas lisas, negras, aninhada num kimono florido cheio de côres.

— Assim, não quer nenhuma dellas?... — Dizem surpresos os seus olhos clares, sem sombras, como a agua de um vidro de crystal.

...— Gostei de todas, mas não levo nenhuma, Nenen... A boneca bonita, que eu desejava levar é uma que sabe rir, e, ás vezes, fazer beicinho... É linda de encantos e de birras... E sendo ainda pequenina é tão grande que eu não poderia levar n'uma caixa... É você mesma, Nenen...

THEREZINHA CALDAS

escreveu

Boneca...

para

IDA

UCHÔA

EPITAFIO DE UMA DANÇARINA

«Deram-me um corpo
e o movimento
e a graça
e o rythmo
e o sopro
é a ondulação das formas pelo vento
que esculpe as finhas todas do meu corpo»
«Puzeram-me estes olhos silenciosos,
este fabio,
esta bocca onde sangra um rubi;

estes lindos e leves braços longos
que caem, como serpentes, de meus ombros
assim:
o seio, onde só há lugar para uma bocca
o ventre que é de concha, o joelho que
é de rosa,
e...»
Psiu!
(Veni alguém na tarde rumosa)
— Não te descubras mais eu já te sinto toda...

O -- S -- W -- A -- L -- D -- O -- O -- R -- I -- C -- O

ESQUECIMENTO



— Escreve-me sem falta. Não me esqueças. —

Isto vem sempre em qualquer carta della. . .

Mal sabe que a esquecer é, para mim,
todo momento andar pensando nella. . .

Que a minha vida inteira se resume

nella, no versos, nese grande amor. . .

• Nesta saudade por estar tão longe!

Neste abandono tão desolador! . . .

— Não te esqueças de mim. . . — E acha possível

eu esquecê-la assim tão facilmente. . .

• Recife é tão distante e tão bonito,

hein pôde ser que ate, naturalmente

tu te esqueças de mim, que te amo tanto!

E ella — a minha tólinha! — ella acredita

que eu vou deixá-la, indiferentemen-

so, por esta cidade ser bonita! . . .

— Escreve-me sem falta. Não me esqueças. —

Isto vem sempre em qualquer carta della. . .

Mal sabe que a esquecer é, para mim,

todo momento andar pensando nella! . . .

Américo de Oliveira

DE THEATRO



Vicente Celestino, na papel
Mario Cavaradosi
d'A Tosca

A companhia Brandão Sobrinho-Vicente Celestino, que está fazendo applaudida temporada no «Theatro Moderno», vae encenar nestes dias a opereta em 3 actos «A Rosa Vermelha», dá parceria pernambucana Samuel Campêllo (autor do libreto) e Waldemar de Oliveira (autor da musica)



Lais Areda que vae fazer a protagonista d'A Rosa Vermelha

A **Rosa Vermelha** foi pela primeira vez representada nesta cidade, pela companhia Vicente Celestino, ha dois annos passados, constituindo um brilhante successo de que, todos estamos lembrados, sendo, então, incorporada ao repertório da Companhia e representada em varias outras praças do paiz, daqui até a fronteira da Argentina, inclusive a Capital Federal onde foi unanimemente elogiada pela critica, e considerada uma das melhores peças que, no genero de opereta, já se escreveu e musicou no Brasil.

Effectivamente A ROSA VERMELHA possui um libreto bem cuidado e uma partitura lindissima, como as sabe escrever o dr. Waldemar de Oliveira, sendo o seu primeiro acto todo musicado, quasi uma opera.

Agora, na repetição da A ROSA VERMELHA, os seus protagonistas continuam a ser feitos pelo tenor Vicente Celestino e a sra. Lais Areda — os dois elementos de primeiro plano do

elenco na parte cantante — estando os outros papéis a cargo dos artistas Brandão Sobrinho, Ismenia dos Santos, Arnaldo Coutinho, Isabel Ferreira, Armando Duval, Dyla Brandão, Adelaide Vivas, João Celestino, Armando Lousada, Lucilla Freire, Amadeu Celestino e ou outros, inclusive o côro, com varios numeros accrescentados.

A ROSA VERMELHA vae, pois, ser outro successo.

Na segunda e terça-feira foi encenado o «Conde de Luxemburgo» que teve regular despenho. Quarta-feira tivemos première do «O Amigo Tobias», adaptação de Brandão Sobrinho vaudeville engraçadissimo logrou um grande successo. Quinta-feira foi encenada «O Ministro do Supremo», outro vaudeville de ruidoso exito. Estas duas peças pela sua e feitura scenas, interessantes estão destinadas a grande successo de riheteria.

OS ANNEIS

LUCIEN DESCAVES

O juiz de instrução Bonnadieu, que jantava em casa de amigos communs, como madame Le Palud, approximou-se della, deixando a mesa, e lhe disse de maneira a intrigal-a:

— Ouvi falar da senhora.
— Ah! boas! E onde foi isso?
— Não é capaz de acreditar.
— Diga sempre.
— No Tribunal, no meu gabinete de trabalho.
— Por um accusado?
— Por um accusado.
— E quem me conhece?
— Quem a conhece...
— Como se chama?
— Cervier. Lindo nome para um lobo da sua especie. Julio Cervier. Parisiense. Vinie annos. Cruz de guerra. Ferido na anca. Ligeira claudicação. Este detalhe não lhe desperta nenhuma recordação?
— Não!
— Procure bem. Elle pretende tel-a visto no hospital.

— Escute, meu amigo, passei quatro annos como enfermeira numa meia duzia de hospitaes. Não me recordo de todos os feridos que tratei. Tanto mais quanto não guardo os meus nomes. Se o senhor me puzesse na presença desse Cervier, talvez o reconhecesse. Sobre que lhe falou elle de mim?

— Elle é da opinião de que a senhora seja citada como testemunha de moralidade.

— Não!
— Ajuntarei que elle tem necessidade de uma intervenção como a da senhora, porque o seu prompuario se orna de um dezena de condemnações por tiros, ferimentos, roubos, infrações, etc. O processo que instrui tem já dois mezes. Cervier roubou um negociante de vinhos e de fumo, que havia assassinado. Elle sustenta que não o matou senão depois de roubal-o, isto porque a victima se oppunha á sua fuga.

— Vê o senhor?
— O detalhe tem a sua importancia, porque a versão do accusado, sendo admittida...

— Elle não invocaria sem motivo o caso de legitima defesa.

— Evitaria, provavelmente, a argumentação que se lhe oppõe. Comprehende?

— Sim. O que não, comprehendendo é o desejo que deponha em seu favor, manifestado por esse individuo pouco recommendavel. O senhor não lhe perguntou as circumstancias em que nos encontramos?

— Sim. Elle m'o informou.
— Onde?
— No hospital...
— Mas, ainda?
— "Não me explicarei, senão deante dessa senhora". --- ajuntou elle.

--- Eis-me singularmente compromettida por esta reticencia, confesse.

--- Confesso antes que não tenho a intenção de convidal-a a depor. Estamos deante de um saltador feccioso, que pensa em se distrahir e ganhar tempo, a nossa custa. Elle ouviu pronunciar o seu nome, e permittiu-se servir-se delle, como de um escudo. Entretanto, si tem a curiosidade de saber...

--- Sim, tenho...

Então, é outra coisa: O sujeito tem sorte. Mas si elle troca de mim e da senhora... coitado delle! Está livre terça-feira, depois do meio-dia!

--- Sim.

--- Pois bem. Terça-feira proxima, farei trazer o homem da sua cellula, na Savté, e lho apresentarei em liberdade, ou quasi em liberdade... no meu gabinete....

--- Está entendido... Terça-feira. Gostarei de saber quem é esse bello rapaz...

Na terça-feira aprazada, ás duas horas, o sr. Bonnadieu fazia trazer da prisão o accusado Cervier. Era um rapaz magro, rosto queimado, olhos de um azul escuro, que se tornavam mais escuros quando elle se irritava.

O juiz tomou o seu ar profissional e disse:

• — Falemos seriamente, Cervier.

— Voce persiste em solicitar o testemunho de madame Le Palud?

— E' claro que persisto.

— Preste bem attenção. Si está de má fé, ha de se arrenderem...

--- Oh! já estou arrependido sem isso, declarou o preso. E' pela minha satisfação pessoal, si assim quer, que desejo ser acareado com essa dama. Pouco importa o beneficio que virá da entrevista. Si o senhor juiz julgar que a incommodei sem razão, V. Ex. poderá punir-me como entender.

O sr. Bonnadieu soou a campanhia. Um guarda abriu a porta.

--- Traga essa senhora que ahí está.

E, com um signal de cabeça, affirmativo:

--- Faça-a entrar.

Mme. Le Palud entrou e não viu, immediatamente, o accusado, que se escondia por traz do guarda que o vigiava.

O juiz se levantou. Sondou a testemunha, com um ligeiro sorriso e disse ao ladrão:

--- Approxime-se. E' bem madame a quem conheceu, no hospital, durante a guerra?

--- Ora, si é!

A essa exclamação mme. Le Palud respondeu:

--- Voce, aqui, Julinho? E' o caso de dizer: Como nos encontramos na vida!

O embaraço desapareceu. O sr. Bonnadieu offereceu uma cadeira á senhora e se recostou na sua, como se assistisse a um espectuculo.

Mme. Le Palud continuou:

--- Era necessario dizer que se tratava de Julinho... o grande Julinho, como o chamavam no hospital 35. Eu nunca o conheci, senão sob esse nome. Então, não se pode decidir a comprar uma conducta?

Elle fez um gesto de confusão, a cabeça baixa.

--- Ainda um saltador? Eu não pensava que a sua cruz de guerra, bem merecida, iria impedir que voltasse a essa vida?

Novo gesto de embaraço.

Mme. Le Palud se voltou para o juiz:

--- Quando cheguei no hospital, Julinho estava curado. Elle tinha direito a umas ferias de convalescença. Como não sabia onde ir passal-as, não tendo ninguem que se interessasse por elle, pediu para ficar no hospital, onde podia prestar os seus

A PILHERIA

serviços. Elle foi meu auxiliar, e durante tres mezes, não tive o que dizer delle. Eis, sem duvida o que elle desejava que dissesse.

— Sim, fez mollemente, Julinho.

— Isso não é bastante? — iinterrogou a testemunha.

Julinho hesitou.

— Todos os dias, na enfermaria, depois dos curativos, era a mim que a senhora confiava os seus aneis, enquanto lavava as mãos.

— Muito bem! E depois?

— A senhora sabia que havia historias na minha vida... com a justiça... que havia sido interdito... Eu lho havia dito...

— Creio que era isso...

— E, comtudo, a senhora me dava as suas joias para guardar. Uma vez, a senhora procurou os seus aneis por toda parte. A senhora tel-os-ia desprezado. Que lhe disse eu? "Não faça tal! Os seus aneis estão de volta aos seus dedos"...

— Sim, sim, é verdade...

— E eu lhós trouxe... O ladrão que os roubára, os havia escondido em algum lugar... onde ninguém os iria procurar. Eu lhe disse: "Entrega

tudo isso á sua dona, ou eu te estrago!" Elle entregou os aneis, e ninguém soube o que se havia passado entre nós. Eu lhe contei uma fantasia...

O ladrão havia levantado a cabeça e fixava o olhar do juiz e o da senhora. Ora um, ora outro...

— Tudo isso é exacto, disse ella. E' preciso ter em conta os antecedentes desse rapaz.

— Elles não estão em repouso, disse o juiz, que folheava o seu promptuario.

— Oh! eu sei, disse Cervier; mas se mostra, muitas vezes, grande indulgencia para o homem honesto, que teve, na sua vida, uma hora de fraqueza e loucura...

— Para um homem honesto... Ora, não é a mesma coisa!

— Certamente. Mas será uma razão para recusar circumstancias atenuantes ao individuo, como eu, que teve uma hora de honestidade?

— E quem cumpriu o seu dever, na fronteira lutando pela patria, ajuntou o juiz.

— Oh! disso não falo eu... Amo tanto a minha citação, como danies. Obrigada, madame.

E considerando a acareação terminada, foi o proprio ladrão que conduziu o guarda...

Impossibilidade...

E que diferença entre elles.

Elle era rica. Bem rica. As chronicas mudanas itacvam-lhe o nome com adjectivos lyricos...

O palacete em que ella morava era o mais bonito da rua. Parentes de luxo...

E elle? Nem uma posição apresentavel. Nada...

E pensando assim, doentamente, parou no portão de ferro.

O palacete estava brilhante de luzes.

Elle tarda...

E elle começou a olhar, a olhar Viu as roseiras embranquecidas de rosas. Os canteiros em fôrmas de bandeiras...

Depois fitou o portão de ferro. O cadeado. As correntes...

O luar punha pedaços de luz no jardim que a primavera embranquecera...

Então sentiu-se opprimido. Sentiu humedecidos os seus olhos de homem forte. E começou a evocar dolorosamente uns versos tristes e antigos:

«Ao luar tudo toma expressões diferentes...

Tudo toma expressões de impossibilidade.

Ao luar tudo toma expressões diferentes...

Tudo. Principalmente o seu portão de grade.

Que me diz «nunca» no cadeado e nas correntes».

Octavio Prestes junior



CAIXA DA
"A PILHERIA"



Resolvemos suspender deste numero em diante esta secção. A Caixa não apparecerá por algum tempo ficando entretanto os trabalhos que nos forem enviados sujeitos ao controle de um nosso redactor que os publicará quando estiverem nas condições exigidas. Não devolvendo originaes A Pilheria reserva-se o direito de publicar ou não as collaborações que lhe forem endereçadas.

Esta providencia visa apenas tirar de nós o

grande encargo de semanalmente responder a um numero incalculavel de correspondencias. Assim fica estabelecido que os trabalhos que não forem inseridos ou aguarda oportunidade pela ordem das chegadas ás nossas mãos ou foram considerados impracticaveis. E'... até uma boa demonstração de camaradagem para comos principiantes que se poupam assim das respostas aniquiladoras.

tia? Então o que significava aquilo?...

Ah, agora se lembra que antes de partir, Laura apresentava inícios de maternidade.

Foi sacudido por uma violenta commoção. Precizou de fazer um grande esforço afim de não se trahir.

Aquella era a sua filha. E elle a tivera tão perto pe si; apertara até sua pequenina mão...

Teve impeto de correr para ella e abraça-a gritando:

Minha filha, sou o teu pae.

Mas dominou-se.

--- Senhorita, disse com voz rouca, condemna o homem que lhe deu o ser?

— Nunca o conheci. Quando vim

ao mundo elle já era morto ha seis mezes.

— Morto ha seis mezes... repetiu Carlos tristemente.

— Como vae mamãe?

— Também não tenho mãe. Vovô disse que ella morreu quando nasci.

Carlos ficou silencioso. Uma tenue esperança começou a bafejar-lhe o peito.

— Si o seu rilho apparecesse? perguntou ao ancião, procurando dar á voz um tom firme.

--- O meu filho morreu.

Nessa resposta fria e secca comprehendeu que havia mesmo morrido no coração do pae. Só tinha, pois, uma cousa a fazer era embarcar para o estrangeiro.

Na sua cidade natal ninguem o conhecia. Não tinha mais nada que fazer ahí. Todos ainda o julgavam morto. Era melhor assim. O seu pae já o não sepultara no fundo do coração?

Cheio de amargura despediu-se.

Quando apertou a mão de Lucy lançou-lhe um olhar eloquente em que transmittia todo o seu affecto.

E seguiu por aquella rua que lhe fôra familiar em outros tempos desolado e só, com o coração a sangrar...

Não voltou a cabeça uma só vez. Por isso não poude ver que os dois olhos infiacis o acompanhavam da janella da caza que tinha deixado...

LUIZ DE GONZAGA CAVALCANTI

D U A S B A L L A D A S

Do Sonho Inutil

De RACHEL DE QUEIROZ

para artins Varella

Que lucta ingente é tua vida,
homem ambicioso e sonhador!
Julgas triumphar nessa gloriosa
utraz da Gloria, atraz do Amor?...
Andas empós nma loucura,
a meta, alem, é uma illusão!
Ah! pobre e ingenua creatura
tudo na vida é um sonho vão!

Essa miragem inesquecida
de lindo riso seductor
é a vara falsa e fementida
tudo promette e só traz dor...
Não sigas nuncas a formosura
que te acenou com nivea mão...
Ah! crê-me ingenua creatura
tudo na vida é um sonho vão!

Deixa tua alma enlanguescida
de branda inercia no torpôr...
Porque uma lucta enfecrida
atraz de um bem, seja qual fôr?
Toda peleja é uma tortura...
— Felicidade? — E' uma irrisão!
— Futuro? — O' pobre creatura
tudo na vida é um sonho vão!

OFFERENDA

Não sei porque se me agigura
visão de necios de ambição...
Ah! pobre e ingenua creatura
tudo na vida é um sonho vão!

Da Ventura de Sonhar...

De MARTINS VAE ILLA

para Rachel de Queiroz

Guarda nos olhos, sonhador,
o sol da crença, a reflectir...
Pois todo bem, seja qual fôr,
virá tua alma seduzir,
Faze do sonho a tua vida,
e que elle, o sonho, a rebrilhar
mostre aos teus olhos que na vida
vale a ventura de sonhar!

Procura o bem, a gloria, o amor,
para que assim possas subir...
Todo o ideal de um guerreador
não tem a sina de mentir.
Sontia! que o sonho é a subida
do monte azul que vás galgar...
Verás, então, que a tua vida
vale a ventura de sonhar!

Guarda nos olhos o vulgor
dos olhos de quem vae partir,
subir o monte do Thabor
sabendo bem para onde ir.
Não penses nunca na descida!
Chegando ao cimo tu has de othar
dentro da tua propria vida...
Valeu ou não o teu sonhar?...

DE JOELHOS

Triste de quem, descrente, a flor
da face morto o pobre othar,
não conheceu na vida o amor...
e a gloria suave de sonhar!

Eva e o espelho

Eva logo que sahio da costella do pae Adão, poz-se a correr, linda e agil, pelos verdes prados do Eden, passeando em derredor os olhos azues ha tão pouco abertos á luz e avidos já de alegria e de belleza, Correu, correu, inquieta, perseguida pelo bodo de Adão, que caminhava um pouco sem geito em busca da costella que lhe faltava.

Finalmente, Eva parou com a graciosa preguiça de um passaro que depois do vôo pousa num ramo, o Adão, fatigado, ansioso, poude attingil-a. Eva não se voltou siquer para olhal-o (e começa aqui a historia millenaria da ingratitude feminina), mas elle, maravilhado, percebeu que os olhos della estavam fixamente voltados, para a terra e que um bellissimo sorriso lhe encrepava a rosea bocca.

O homem olhou para onde a mulher estava olhando [aqui começa a millenaria historia da docilidade masculina] e viu que ao pé da formosa companheira corria um tenue riacho de agua purissima e transparente, na qual elle fixava os olhos extasiados. Então, o primeiro homem comprehendeu (aqui principia a millenaria historia da sabedoria humana) que a partir daquele momento, dois eram os companheiros de Eva: o homem e o espelho. E presentiu tambem que frequentemente a mulher preferiria,

entre os dois o segundo — pois diante do homem ella havia fugido e, diante da agua espelhenta — ella havia parado.

Certo, ao espelho tem a mulher sido sempre fiel; poder-se-á dizer o mesmo com relação á sua fidelidade ao homem?

E é por isso que o espelho tambem lhe é mais constante do que toda a perseverança masculina.

Com o espelho não ha equívocos, não ha dissensões, não ha discordias. Quando, não contente com o rosto que a natureza lhe deu, a mulher arranja outro. O espelho complacente, lhe relete se o rosto novo, cancelhando todos os traços do antigo. O homem poderia inclinar-se tambem, reverente, ante a renovada belleza, não saberia occultar no fundo dos olhos um sorriso ironico ou maligno?... O espelho é mudo, mas tambem não é ironico nem maligno...

O espelho conserva, eterna e constantemente, as qualidades que o jovem, tem, apenas no breve periodo da paixão e do desejo; as da ver, achar sentir na mulher tudo bello, doce, bom divino, perfeito.

Por isso, será baldado querer o homem rivatisar-se com o espelho. Aquello primeiro olhar de Adão ao riacho, foi a revelação de uma grande verdade, pouco lisongeiro para o homem, por certo, mas insuperável, duradoura como a propria mulher,

CYNIRA BRAGA.

CABELLOS

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE REIS

A "Loção Brilhante" é o melhor específico para as affecções capilares. Não pinta porque não é tintura. Não queime porque não contem saes nocivos. É uma formula scientifica, do grande botanico dr. Ground, cujos segredos foi comprado por 200 contos de reis.

É recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1. — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2. — Cessa a queda do cabelo.

3. — Os cabellos brancos descolorados ou grisalhos, voltam á cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4. — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.

5. — Nos casos de calvices faz brotar novos cabellos.

5. — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias, perfumarias e pharmacias de primeira ordem.

PASTA

"Oriental"

O DENTIFRÍCIO
IDEAL

A venda em todo o Brasil e nas
Perfumarias LOPES

RIO - SÃO PAULO

A venda do cavallo cego

DE LUIZ DE ROBERT

E' ao fundo de Montrouge, numa dessas pequenas ruas tortuosas, que vão findar no parque Monceaux, que vão findar no parque Monceaux, que vão findar no parque Monceaux.

Sobre a a porta de um commerciante de madeiras e carvão, um aviso, em manuscrito, annuncia: «Cavallo para vender».

O transeunte entra. Gallinhas ciscam entre as pedras do solo. Não ha grande quantidade de carvão no deposito.

Um homem gordo, que fuma cachimbo, apparece.

— O senhor tem um cavallo para vender?

— Sim, uma excellente occasião, pode gabar-se

Com o accento de Auvergne, elle detalha os meritos do seu animal, a sua docura, a sua fortaleza, a sua resistencia, emquanto o freguez o examina. Este o faz marchar, inspeciona-lhe os dentes para lhe conhecer a idade. Depois o comprador discute o preço:

— Actualmente o senhor não terá um cavallo igual a este, por menos de trezentos mil reis. Eu deixo ficar por duzentos. Pode gabar-se de que faz excellente negocio. Mas um cavallo come muito, e isto me custa mais do que o que elle me dá de lucro.

Ao fim de um quarto de hora, ambos entram em accordo, ao preço de cento e oitenta mil reis. O auvergnez lhe passa o recibo. O freguez paga o dinheiro e leva o cavallo comsigo.

Então começa a pequena comedia. O cliente ainda não está no fim da rua, quando uma especie de anão, que parece sair de um covil, entrado no chão, corre atraz do homem.

— Senhor, senhor...

— Que ha?

— O senhor comprou este cavallo? Certamente não o examinou. Elle é cego.

— Cego? Que diabo!

A asserção é facil de verificar. Por desgraça, ella é exacta. O cavallo é cego, Aborrecido, o comprador volta a Auvergnat.

— Não quero mais o seu cavallo. Elle é cego. Que quer que eu faça? Foi um cavallo valido que comprei, e foi um enfermo que o senhor me vendeu?

— Mas o vendedor não entende assim. A venda é regular.

O senhor examinou o cavallo. Eu não o vendi dentro de um subterraneo, mas à luz meridiana. Si o negocio não lhe convem, tanto peor para o senhor.

E elle lava as mãos como Pilatos.

Isso é um modo de falar, porque não deve lavar aos mãos muitas vezes, uma vez que as tem sujas.

Deante dessa attitude, o senhor fica irritado, ameaça-o com a policia.

Rlle responde no mesmo tom;

— O senhor não me impõe nenhuma condição. Não lhe garanti no recibo, — que o cavallo era vidente.

Imagina mesmo, senhor, que teria, nos tempos que correm, um animal perfeito, ao preço de cento e oitenta mil reis?

— Mas que hei de fazer do seu cavallo?

— Não sei. Isso não é commigo. Emim, si isso o contraria tanto, eu o accitarei novamente, mas o senhor me fará uma differença de dez mil reis, para me indemnizar do prejuizo do negocio.

O cliente fecha a transacção, muito contente de não perder todo o dinheiro. E, tendo rehavido cento e setenta mil reis, o comprador se afasta, quando ne fim, da rua, encontra de novo o homemzinho.

— Senhor, eu lhe prestel um serviço. Não me esqueça...

— E' justo.

E o freguez dá uma gorgeta ao anão.

Essa desventura aconteceu ao sr, Cassagnol, encadernador, morador á rua da Montanha Santa Geneveva, que procurava um cavallo para o seu serviço. Entrando no seu «atelier», contou a coisa ao seu contra-mestre, Piéjalut. Esse não era um ingenuo.

— Veja o «truc» — disse elle ao seu patrão. — São dois compadres, Si elles vendem o cavallo, apenas uma vez, de dois em dois dias, isto lhes dará um grande lucro por semana. E' mais lucrativo que a encadernação, esse «truc» delles.

Elle reflectiu e propoz:

— Ah! está, patrão, empresta-me cento e oitenta mil reis e dê-me duas horas, amanhã. Trar-lhe-ei o seu dinheiro e mais um lucro para mim.

No dia seguinte, Piéjalut empurrava a porta do auvergnez.

— O senhor tem um cavallo para vender?

— Sim, é um optimo negocio...

E a scena da vespera se repetiu, do mesmo modo. Comtudo, Piéjalut, mais tenaz, obteve o cavallo por cento e setenta mil reis.

Depois elle se ia tranquillamente, esperando ver surgir o anão. Mas este não appareceu.

Já estava no fim da rua, e apurava o ouvido ao menor ruido. Nada! Nada ouvia.

Piéjalut já estava atrapalhado com o cavallo. Felizmente o homemzinho estava atrazado. Chegava o correr, offegante.

— Senhor, senhor...

Ah, não se imagina como foi suave a voz do anão aos ouvidos de Piéjalut! Uma alegria subtil o invadiu, emquanto elle se voltava, lentamente, e pronunciava com um ar meio tolo:

— Que ha? Que aconteceu?

— O senhor acaba de comprar um cavallo cego.

— E agora?

— Agora? Mas o senhor não vê que elle não lhe pode ser util de modo algum? Um cavallo cego, para que ha de servir? Emfim, lhe digo isso pra avisal-o...

— Obrigado, meu amigo... Isso não tem importancia... Está tudo muito bem.

O anão ficou embasbacado. Elle não havia previsto esta resposta. Piéjalut, sem se occupar mais com elle ia levando a sua almiria. Ao fim de certo tempo, o auvergnez correu ao seu encontro:

— Senhor, senhor, está em erro. Eu não queria vender esse cavallo. E' um outro... Esse abi ninguem o queria, mas eu o quero... Venho para ficar com elle.

— Não, isso não. O negocio está feito. Guarde o dinheiro, e eu fico com o animal.

— Senhor, quer vir até e minha casa, um instante. Vou explicar-me...

— Não, não — disse o outro.

Elle desconfiava. Considerando os dois compadres, elle imaginava que, uma vez fechada a porta da casa, os dois mandriões se atiriam sobre elle; fazendo-lhe alguma violencia.

— Não, não, estamos aqui muito

bem, para conversar. Conheço o seu «truc». Este cavallo é o seu ganha-pão. O senhor o vende varias vezes por semanas, e o retomo com um lucro fabuloso. O senhor ganha facilmente o dinheiro dos outros... Pois bem! Eu o comprei por cento e setenta mil reis. Revendo-o por duzentos mil reis. Serve?

O antigo dono do cavallo, que não dispunha dessa somma, preferiu abandonar a montada. Ao mesmo tempo, tirou do bolso todas as notas que possuía. Com os cento e setenta mil reis, que acabara de receber, contou cento e sessenta e cinco mil reis. Não tinha mais.

— E o seu compadre? Elle tem a sua parte nos lucros. E' justo que entre nos prejuizos.

O homenzinho virou e revirou os seus bolsos, e apresentou a somma de trinta e cinco mil reis.

— Ah! estão cento e setenta mil reis. Não é o que desejo. Preciso de duzentos mil reis.

O auvergnez considerava o seu cavallo, com amor e entusiasmo. Não tinha raiva de Piéjalut. Elle lhe disse, com admiração:

— O senhor é um espertalhão. Pode dizer de que logar é?

— Sou de Aveyron.

— Ah! não admira. Era necessario um aveyrones para enganar um auvergnez.

E docil como um homem que encontrou um mestre, viram-no extrair no fundo do bolso um maço de notas do banco, que se poz a contar com uma careta fatalista, de jogador vencido, para completar a somma exigida pelo vencedor.

VENCIDOS

Muitas vezes depois d'uma illusão perdida nós sentimos, amor, que a propria vida se torna triste e desinteressante: assim vamos vivendo e cada instante uma vontade dóida de morrer nos surprehende pelo tedio de viver!

Amor, prazer, satisfação? — Chimeras! Tudo isso passa como passam as primaveras, e indifferentes, pobres creaturas, vamos perdendo as illusões mais puras. E caçados, vencidos, vamos nós aos trancos, mas ainda, de cabellos brancos!

Recife, Novembrp, 1929.

MAGESTH

O desinfectante Ideal

= PHENOLINA =

Preço de lata de 1 litro 2\$000

Indispensavel nas lavagens de
casas e nas desinfeccões

= geraes =